
REVISTA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE E
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL

REVISTA HCPA 2005; 25 (Supl 1) :1-251



^a
Semana Científica
do Hospital de Clínicas de Porto Alegre
12º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde do Mercosul

Anais

REVISTA HCPA - Volume 25 (Supl 1) - Setembro 2005
International Standard Serial Numbering (ISSN) 0101-5575
Registrada no Cartório do Registro Especial de Porto Alegre sob nº 195 no livro B, n.2
Indexada no LILACS

A Correspondência deve ser encaminhada para: Editor da Revista HCPA - Largo Eduardo Zaccaro Faraco - Rua Ramiro Barcelos, 2350
90035-903 - Porto Alegre, RS - Tel: +55-51-2101.8304 - www.hcpa.ufrgs.br

OS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM E O ENFRENTAMENTO DA MORTE

LETÍCIA FIGUEIRÓ FONTOURA; VERA CATARINA CASTIGLIA PORTELLA

Este estudo objetiva compreender como os acadêmicos de enfermagem estão emocionalmente preparados para o enfrentamento da morte, uma vez que esta se faz presença marcante no cotidiano da profissão de enfermagem e que, atualmente, a questão da morte pouco é abordada, especialmente durante a graduação. Trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa, realizado na Escola de Enfermagem da UFRGS, cuja população se constitui nos acadêmicos de enfermagem do nono semestre do Curso de Graduação em Enfermagem. Através de entrevista semi-estruturada, segundo Triviños (1990), foram consultados doze acadêmicos, entre abril e maio de 2005. O questionário constou de dados de identificação e de perguntas abertas sobre experiências, sentimentos, medos, opiniões e religiosidade acerca da vivência de situações de enfrentamento da morte. Os dados foram categorizados e analisados segundo Lüdke (1986). Os resultados apontam que os acadêmicos que se julgam emocionalmente preparados para o enfrentamento da morte, tem considerável vivência dessas situações. Aqueles que se dizem não preparados, conservam uma ansiedade pelo fato de não saber como lidar com sua reação. Existe nos acadêmicos uma insegurança por não saber trabalhar tecnicamente e emocionalmente com situações críticas, devido a uma lacuna no ensino, durante a formação profissional. A religiosidade e a crença numa existência pós-morte parece confortar esses indivíduos. O vínculo formado com o paciente, durante o tratamento, influencia na intensidade da dor da perda. O processo de enfrentamento da morte para os acadêmicos de enfermagem é solitário, feito através de experiências pessoais, entretanto, seria de grande valia a discussão dessa temática durante a graduação.

O ENVOLVIMENTO DO NF-KB NA GASTROPATIA DA HIPERTENSÃO PORTAL EM ANIMAIS TRATADOS COM QUERCETINA

CHRISTINA GARCIA DA SILVA FRAGA; ANDREA JANZ MOREIRA; NORMA POSSA MARRONI; CLÁUDIO AUGUSTO MARRONI; THEMIS REVERBEL DA SILVEIRA; CLÁUDIO GALLEANO ZETTLER

INTRODUÇÃO: A gastropatia da hipertensão portal (GHP) é uma alteração da mucosa gástrica decorrente da síndrome da hipertensão portal (HP). A quercetina (Q) é um antioxidante capaz de reduzir a lipoperoxidação (LPO), possivelmente por sua capacidade de agir sobre fatores nucleares (NF-kB) e I κ B. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Foram utilizados 30 ratos Wistar \pm 300g, divididos em 3 grupos: LPVP – submetidos à ligadura parcial de veia porta; LPVP Q – animais ligados e tratados com Q (50mg/Kg/dia i.p.) por 7 dias e o grupo SO – sham operated, que foi submetido ao estresse cirúrgicos sem a ligadura da veia porta. No 15º dia, foi aferida a pressão portal (PP) em mmHg. A seguir, os animais foram sacrificados, sendo retirado o estômago para análise histológica, determinação da LPO (por substâncias reativas ao ácido tiobarbitúrico–TBARS e por quimiluninescência – QL) e do fator nuclear NF-kB e I κ B. **RESULTADOS:** A PP foi significativamente elevada nos animais LPVP, mas a Q foi capaz de reduzi-la (LPVP: 19,6 \pm 1,9 e LPVP Q: 13,0 \pm 0,8). Na análise histológica do estômago de ratos LPVP observou-se edema, vasodilatação e hemorragia, sinais de GHP. A LPO, nos LPVP, encontra-se elevada, e a administração de Q demonstrou ser efetiva no controle do dano oxidativo. TBARS em nmoles/mg de prot. (LPVP:0,525 \pm 0,1; LPVP Q:0,309 \pm 0,06 e SO:0,258 \pm 0,04) e QL (LPVP:1109 \pm 215; LPVP Q:673,6 \pm 136 e SO: 551,6 \pm 71). O grupo LPVP obteve marcada ativação do NF-kB acompanhada de redução dos níveis da proteína I κ B. Enquanto, que nos ratos LPVP Q foi verificado inibição da ativação do NF-kB e incremento nos níveis da proteína I κ B. **CONCLUSÃO:** O tratamento com Q demonstrou agir sobre a via de sinalização de transdução, possivelmente bloqueando a produção de mediadores nocivos que estão envolvidos na fisiopatogenia da GHP.